

# **AGRICULTORES DA CRESOL DE DOIS VIZINHOS-PR: UM ESTUDO SOBRE OS ASPECTOS SÓCIOECONÔMICOS E AMBIENTAIS**

RESULTADO DE INVESTIGAÇÃO FINALIZADO

GT 05- Desarrollo rural, globalización y crisis

Ana Paula Debastiani Vasco  
Hieda Maria Pagliosa Corona

## **RESUMO:**

Este trabalho apresenta parte dos resultados de uma pesquisa realizada na Cooperativa de Crédito Rural Cresol de Dois Vizinhos-PR. O objetivo foi entender como esse modelo de organização (economia solidária) tem conduzido, ou não, as famílias agricultoras às práticas sustentáveis. Para tanto, foi realizado diagnóstico socioeconômico e ambiental da comunidade Fazenda Mazurana, entrevistas semiestruturadas com cooperados e dirigente/funcionários da Cresol do município. Este artigo se concentrará em apresentar os dados socioeconômicos e ambientais dos agricultores cooperados da Cresol. A esse respeito verificou-se tendências dos rumos da organização no caso ilustrativo pesquisado que, podem apontar para orientações do Sistema Cresol.

**Palavras-chave:** Agricultura Familiar, Cresol, Sustentabilidade e Economia Solidária.

## **1. INTRODUÇÃO**

Dentre as formas de organizações alternativas ao capitalismo, se assim pode-se afirmar, a economia solidária é uma proposta que tem encontrado espaço no Brasil nos últimos anos. Este modelo de organização não tem fins lucrativos e propõe a divisão do capital de forma igualitária. Um modelo autogestionário em que, tem procedimento econômico-social, ou seja, inclui homens e mulheres na participação decisória.

A economia solidária é resultado da luta de trabalhadores contra a injustiça e exclusão, contra o modelo seletivo de desenvolvimento; por isso, surge como um meio alternativo ao sistema hegemônico. A reação de atores sociais em oposição a esse paradigma social firmado na riqueza e no bem-estar material revela a radicalidade contra os excessos da modernidade. Tal crítica atinge o modo como se "trabalha e produz, mas também o modo como se descansa e vive; a pobreza e as assimetrias das relações sociais," (SANTOS, 1997) e ainda formas de opressão que atingem grupos sociais transclassistas.

É neste contexto de preocupações que o presente trabalho se insere. Este artigo é resultado de uma dissertação de mestrado que foi realizada a partir de uma problemática comum de pesquisa que envolveu além da autora, mais duas pesquisadoras. O objetivo geral foi entender se a gestão de programas ou políticas públicas desenvolvidas por organizações não governamentais (ONG) e ou instituições públicas do município de Dois Vizinhos-PR se alinham aos preceitos do desenvolvimento da agricultura familiar, numa perspectiva sustentável. Para atender ao objetivo geral que permeia a construção dos trabalhos individuais de pesquisa, foi escolhida a comunidade Fazenda Mazurana na qual residem ao todo 60 famílias agricultoras, dentre as quais há aquelas envolvidas com a Casa Familiar Rural, com a Cooperativa de Crédito Rural Cresol e que acessavam o Pronaf via agência do Banco do Brasil, em função das especificidades das temáticas individuais. Este trabalho concentra-se em

apresentar parte dos dados do estudo realizado na Cooperativa de Crédito Rural Cresol. E tem por objetivo discutir a sustentabilidade das famílias agricultoras da Comunidade Fazenda Mazurana vinculadas a Cresol.

### 1.1 Metodologia

Para realização da pesquisa optou-se pelo seguinte caminho metodológico: em conjunto fez-se uma identificação, através do diagnóstico socioeconômico e ambiental, da situação de vida dos agricultores da comunidade. Nesta etapa foi utilizado formulário de pesquisa, com mais de 100 questões, já elaborado pela turma de Doutorado em Desenvolvimento e Meio Ambiente da UFPR. Tal instrumento foi adaptado para a realidade pesquisada e conteve questões que abordaram: Diagnóstico social: condições de moradia, escolaridade, utilização de transporte, acesso a saúde, acesso a lazer; Diagnóstico econômico: bens móveis, tamanho da casa, renda familiar; Diagnóstico ambiental: produção, preservação ambiental, saneamento. As questões foram pontuadas e categorizou-se em três situações de vida: 1-precário, 2-razoável e 3-bom. A partir dos dados levantados foram construídos indicadores por Corona (2006) que congregavam os dados para demonstrar a situação socioeconômica e ambiental dos agricultores pesquisados.

Após essa fase dedicou-se a pesquisa mais aprofundada, de caráter qualitativo, nas instituições e agricultores diretamente relacionados com os objetos particulares de investigação, através de entrevistas semiestruturadas gravadas. Foram entrevistados 10 cooperados da Cresol, dos 23 que residiam na comunidade, pelo critério de diferentes situações de vida diagnosticada. Para análise dos dados utilizou-se a categoria de subsídio **possibilidade** daquilo que pode surgir considerando a uniformidade do desenvolvimento, em contraposição a **realidade**, ou seja, aquilo que já aconteceu ou está acontecendo. Assim, pretendeu abordar a realidade, como sendo o modelo hegemônico de desenvolvimento, pautado nas condições de desigualdade e exploração da natureza, resultado dos caminhos traçados pela modernidade. A possibilidade ou a alternativa, que consiste em um modelo de desenvolvimento justo e equitativo, o desenvolvimento solidário e sustentável, contido na proposta da economia solidária (RICHARDSON, 2008).

## 2. “ATÍPICO E INCLUSIVO”: A ECONOMIA SOLIDÁRIA COMO ALTERNATIVA

Esse trabalho optou pela proposta do desenvolvimento sustentável como iluminador. Entende-se que o desenvolvimento sustentável está para um modelo mais alternativo, portanto, contra-hegemônico (SANTOS, 2001, 2002; WILLIAMS, 1979) e, nesse sentido, torna-se necessário mostrar o embasamento teórico que fundamentou e direcionou o trabalho, na opção de analisar as diferentes dimensões de vida e do desenvolvimento sustentável (social, econômica e ambiental) dos agricultores familiares.

O tema “desenvolvimento sustentável” assume papel preponderante nas últimas décadas através da crescente preocupação com os problemas ambientais, que lentamente começaram a serem levantados pelos diversos agentes, indivíduos, governos, organizações, entidades da sociedade civil, entre outros. Tais agentes questionam as propostas de desenvolvimento dominante, gerador de desequilíbrios regionais e sociais, resultado dos processos de crescimento econômico como propulsor do desenvolvimento das sociedades.

As décadas de 50, 60 e 70 foram marcadas por eventos de cunho ambiental, concentradas no campo científico, de atores sociais e da esfera política, respectivamente (LEIS, 1996; BARBIERI 2005).

Na década seguinte a Assembleia Geral da ONU cria a Comissão de Brundtland com o objetivo de discutir as questões pertinentes aos processos de desenvolvimento adotados pelos países. Foi então,

no relatório dessa comissão em 1987, que foi definido o conceito a respeito deste novo modelo: “desenvolvimento sustentável é aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade das gerações futuras de atenderem suas próprias necessidades” (CMMAD *apud* BARBIERI, 2005).

O desenvolvimento em suas múltiplas dimensões é motivo de reflexões e extensos debates, principalmente quando se quer compreender que este termo não é sinônimo do crescimento econômico (VEIGA, 2008), embora ele seja indispensável para o desenvolvimento. Mas, Ele requerer alterações estruturais na economia (SANDRONI, 1994) e a potencializar as características de cada região respeitando suas particularidades. Sachs (1993) define cinco dimensões prioritárias para o desenvolvimento sustentável: Sustentabilidade Social; Sustentabilidade econômica; Sustentabilidade ecológica; Sustentabilidade espacial e; Suatentabilidade cultural. Este trabalho se concentrará em analisar, na realidade da agricultura familiar, as três primeiras dimensões. O desafio proposto é a conjugação harmônica de tais dimensões, consideradas fundamentais, para promoção do desenvolvimento sustentável.

Foi nos anos 90 que o empresariado passou a se preocupar com a problemática ambiental e a incorporar tal discurso. Contudo, esse discurso é ineficaz, na medida em que nega a crise socioambiental, ou minimamente tenta remedia-la pela lógica economicista. Dessa forma questiona-se: desenvolvimento sustentável representa capitalizar a natureza e ecologizar a ordem econômica? Raynaut (2004) sugere a seguinte questão em se tratando de sustentabilidade: sustentabilidade para quem?

Este trabalho considera relevante a temática da sustentabilidade, na medida em que ela está posta para além do senso comum, na compreensão da articulação harmônica das suas diferentes dimensões. A proposta do desenvolvimento em bases sustentáveis deu base a este estudo, pois, preconiza uma proposta contra-hegemonia ou alternativas ao modelo hegemônico, presente na proposta das cooperativas de economia solidária (SANTOS 2001; GAIGER, 2008) e na lógica da agricultura familiar que, subverte as regras de competição no mercado e de maximização do lucro (CHAYANOV, 1974, LAMARCHE, 1993, GAIGER, 2003).

### **3. FUNDAMETOS DA CRESOL: A LUTA DE AGRICULTORES POR ACESSO AO CRÉDITO**

A Cooperativa de Crédito Rural Cresol que faz parte da Associação Nacional do Cooperativismo de Crédito da Economia Familiar e Solidária – ANCOSOL - nasceu para atender as necessidades dos agricultores familiares da região Sudoeste do Paraná. Considerando que este espaço é o *locus* de uma estrutura fundiária caracterizada pela pequena e média propriedade, onde 93% dos estabelecimentos possuem menos de 50 hectares, os quais ocupam 58% da área e, ainda, 87% dos estabelecimentos rurais são de agricultura familiar (INCRA, 2012). Os produtores da região dedicam-se ao binômio soja/milho, à criação de suínos e aves, à produção leiteira e, mais recentemente é introduzida à cultura do fumo. Aliada a uma importante produção para mercado a agricultura familiar da região produz também para o autoconsumo (IPARDES, 2011).

A CRESOL é fruto da luta dos agricultores familiares da região que se uniram com o objetivo de encontrar alternativas para a parcela da agricultura familiar que foi excluída parcial ou totalmente do projeto de modernização e de suas linhas de crédito. Na década de 80, foi estruturado um fundo de financiamento para a agricultura familiar – o Fundo de Crédito Rotativo (FCR) com fins de financiar experiências alternativas da agricultura e dos assentados da reforma agrária nas regiões Sudoeste e Centro-Oeste do Paraná. Fundo administrado por entidades/movimentos pastorais, sindicais, organizações não governamentais, associativas e sem terras, destas regiões.

Após discussões no biênio 1995/1996 foi criada a primeira cooperativa do sistema Cresol no município de Dois Vizinhos, que atualmente conta com treze funcionários e dois PACs Boa Esperança do Iguaçu e Cruzeiro do Iguaçu, e se espalhando em alguns municípios do Sudoeste do Paraná. Em seguida criou-se a base de serviços - Cresol Baser - que cinco anos depois, resultado do desenvolvimento destas organizações e por orientação do Banco Central, tornou-se a cooperativa central, com sede em Francisco Beltrão. Posteriormente, em 2004, conforme princípio de descentralização e crescimento horizontal foi criada a segunda cooperativa central em Chapecó – SC, a qual atende o Estado do Rio Grande do Sul e parte de Santa Catarina (CRESOL, 2011).

As linhas de financiamento concedidas pela organização contemplam agroindústrias, turismo rural, fruticultura, agroecologia e agrofloresta, habitação rural, cadeias produtivas e culturas diferenciadas, e financiamento para produção mais tradicional, e ainda, é oferecido a eles seguro de vida, de bens e de produção. A cooperativa se estrutura nos níveis de central, bases regionais, cooperativas singulares e postos de atendimento cooperativo – PAC, mas quem responde legalmente pela cooperativa junto ao Banco Central é a Central Baser (CRESOL, 2011).

O crédito é disponibilizado através de recursos oficiais, como o Pronaf, e recursos próprios, financiando capital de giro, investimentos nas estruturas produtivas, oportunidades de negócio, emergências de saúde e construção ou reforma da casa. Tais financiamentos são concedidos para atividades produtivas na região. A liberação do crédito é realizada mediante análise do comitê de crédito, formado pela diretoria e conselho.

Alguns fatores contribuíram para o fortalecimento da Cresol desde sua fundação, dentre eles destaca-se: o Pronaf, fundos municipais para o desenvolvimento rural, a relação com entidade de cooperação internacional que auxiliaram na formação técnica dos dirigentes e na transformação do crédito rotativo em carteiras cooperativas e a ação de movimentos sociais que a tempo pressionavam o governo para maiores incentivo e a agricultura familiar (BURIGO, 2006).

Há um crescimento bastante expressivo da Cresol desde sua fundação. Destacam-se os anos de 2004 e 2005 em que a Cresol Baser separou-se das cooperativas do estado de Santa Catarina. Desde 2003 foram desencadeadas discussões para elaboração de um novo organograma do sistema prevendo a criação de duas centrais. A necessidade desse novo organograma foi resultado da expansão do sistema Cresol e do cumprimento do seu princípio de descentralização, como uma forma de melhorar o acesso do associado à cooperativa. Portanto, essa nova estratégia seria implantada a partir de 2006 ou 2007, porém, essa separação foi realizada em 2004 que, em termos formais parece por questões geográficas. Mas, houve alguns divergências de ideias a respeito do cooperativismo solidário, bem como seu processo de gestão, fato que resultou na separação antecipada da Cresol Baser com a Central de Santa Catarina (BURIGO, 2006).

No início do funcionamento da Cresol foram contratados gerentes para dirigir à cooperativa. Essa foi uma experiência que permitiu fortalecer as raízes da Cresol e optar por manter na diretoria somente agricultores familiares cooperados do sistema. A respeito disso afirma um dos fundadores: “nós tomamos a decisão de não termos mais gerente por causa dos problemas que nós tivemos. (...). Ele veio com um sistema tradicional (...) Ele acha que sabe tudo e que tem que fazer do jeito que ele aprendeu, não era isso que nos queríamos (...)” (entrevistado 11). Nesse processo ficou clara a intenção do entrevistado em enfatizar a lógica da economia solidária, como sendo diferente do que chamou de “tradicional”, referindo-se ele a formação “do jeito que aprendeu” para servir ao mercado. Lembra-se de uma das considerações de Couvre (1982) quando se refere à formação do administrador de empresas e como este tende a rejeitar formas alternativas ao que é hegemônico. Portanto, formas contra-hegemônicas, ou que tendem a não acumulação de capital.

Os agricultores da direção fazem cursos de capacitação para assumirem tais cargos. A exemplo da gestão da Cresol de Dois Vizinhos, *locus* desse trabalho em que, o diretor relatou diversos cursos feitos para estar como presidente e como foi participando das diferentes instâncias da organização.

A Cresol de Dois Vizinhos conta com 1.703 associados. Conforme dados tem uma participação de 45% dos associados nas pré assembleias e 40% nas assembleias. Possui 38 agentes de crédito e desenvolvimento comunitários, 13 funcionários e dois PACs, um em Cruzeiro do Iguaçu e outro em Boa Esperança do Iguaçu.

Alguns dados da Cresol de Dois Vizinhos no ano de 2010 apontam que a concentração de crédito liberado está em créditos pessoais, repasse e investimento. Do total de 23 agricultores da Comunidade Fazenda Mazurana, cooperados da Cresol, os que utilizaram crédito foram: 17,4% na safra 2009-2010, 26,1% 2010-2011 fizeram investimento; 22% em 2009-2010, 30,5% em 2010-2011 fizeram custeio.

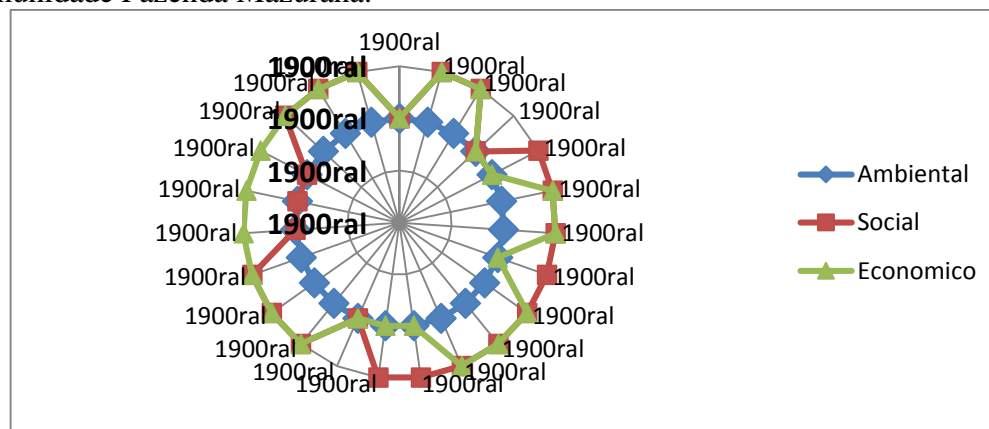
Conforme relatou o dirigente da Cresol o mais financiado para investimento tem sido o leite que, parece ter respondido como uma produção autossuficiente. E repasse de custeio tem sido grãos, soja e milho especificamente. Esses são dados que refletem a realidade da cidade de Dois Vizinhos que tem uma produção leiteira de 32.500 em unidade de mil litros, produção de soja de 32.400 toneladas e 34.500 toneladas de milho (IPARDES, 2011).

#### 4. CAMINHOS E (DES)CAMINHOS DA CRESOL: OBSERVAÇÕES A PARTIR DA COOPERATIVA SINGULAR DE DOIS VIZINHOS – PR

Os agricultores que residem na comunidade Fazenda Mazurana e são cooperados da Cresol estão vivendo uma média de 28 anos ali, sendo que o que há menos tempo tem residência é de três anos e o que reside há mais tempo é 58 anos. Dentre estes, somente uma família não utiliza mão de obra familiar por serem aposentados e arrendarem a terra para empresário da zona urbana. Todos os títulos dessas propriedades estão em nome do responsável pelo estabelecimento, sendo que, dez das vinte e três propriedades tem outros domicílios que acolhem filhos (as), pais, sogros, genros, noras e irmãos; 87% tem filhos que moram na mesma residência dos pais. Destes últimos 48% estão no Ensino Fundamental, 22% no ensino médio e 30% no Ensino Superior. Quanto à origem étnica do responsável e seu respectivo cônjuge a sua maioria tem ascendência italiana, depois brasileira e polonesa.

A situação socioeconômica e ambiental dos agricultores cooperados a Cresol da comunidade ficou conforme o gráfico 1. Evidencia-se que os agricultores em melhores situações ficaram no eixo mais afastado do ponto zero, e, evidentemente, aqueles que ficaram em situações mais precárias ficaram mais próximos ao zero. Neste caso, não houve nenhuma situação precária, somente razoável e boa.

FIGURA 1 – Diagnóstico Socioeconômico e Ambiental dos agricultores cooperados da Cresol da Comunidade Fazenda Mazurana.



Fonte: Pesquisa realizada, 2011.

De forma geral o que se observa no gráfico 1 é a homogeneidade da situação ambiental dos agricultores, que ficaram em uma situação razoável. O indicador econômico mostrou que aproximadamente 70% dos agricultores estão em uma situação boa e 30% encontram-se em situação razoável; 74% dos agricultores estão em uma situação social boa e 26% razoável. As famílias entrevistadas foram as seguintes: 1, 3, 4, 6, 10, 21, 23, 26, 39 e 47.

O cenário construído pela modernidade a qual promoveu a modernização nos diversos âmbitos da sociedade, inclusive na agricultura, e a vasta especialização dentro do campo da ciência, entre outros fatores, é a nítida dicotomização da relação do homem com a natureza. A agricultura, a partir dos anos 1950, 60 na Europa e Estado Unidos, começou a absorver a idéia do desenvolvimento como sinônimo de progresso, visando transformar aquilo que era “arcaico”, tradicional, pela modernização (ALMEIDA, 1997), contribuindo para um maior distanciamento da relação do homem com a natureza. No entanto, a agricultura familiar apresenta características que mostram sua força como um local privilegiado para manter seus laços com meio em função de sua tendência à diversificação, à integração de atividades vegetais e animais, além de trabalhar em menores escalas e, a ligação histórica dos agricultores com a terra. Quando questionados sobre os planos futuros na propriedade, a grande maioria deles afirmava: “eu nasci na roça e é aqui que eu vou morrer”. Isso mostra a ligação que estes possuem com a terra e portanto, uma maior facilidade de cuidar/preservar ela.

Nesse sentido, buscou-se compreender como a Cresol desenvolve políticas que promovam o cuidado ou a preservação ambiental. O que ficou bastante evidente foi o papel dos agentes de crédito na disseminação desse conhecimento. Os agentes comunitários de desenvolvimento e crédito são cooperados representantes das comunidades que têm reuniões mensais na cooperativa para receberem informações e repassarem nas suas comunidades para os cooperados. Conforme um representante da organização:

os agentes de crédito, responsáveis por cada comunidade, e ele tem formação constante, e isso entra a formação pra ele, tipo de, de veneno, essas coisa e eles são responsáveis por passa por cada setor, né? (...) cada um deles vai responde por sua comunidade, lá ele vai se reuni, vai passa as informações. (...) É primeiro é informa a cooperativa, daí a cooperativa vai, é, fazê uma visita pra ele, né? (Entrevistado 13).

Em conversa com os agricultores não se identificou nenhuma ação da cooperativa para orientação nas questões ambientais especificamente. Da mesma forma quando questionados sobre a limitação para concessão de crédito, a organização faz um laudo técnico da propriedade antes e é avaliado se o agricultor tem condições de se sustentar com aquele financiamento, ao qual solicita e que deve devolver a cooperativa. Não foram citadas limitações impostas por questões ambientais, somente pela viabilidade econômica do agricultor.

Dos entrevistados aqueles que afirmaram receberem algum tipo de orientação foram os que dizem comprar insumos e receber instruções de um técnico do local de compra na propriedade, que orienta e acompanha na lavoura, conforme explica o entrevistado 10: “Aqui não, pelo menos não sei se algum lugar eles tem isso. Mas aqui nessa propriedade não, não. A gente tem assistência tipo de um mês de compra, né. A Cresol talvez em algum lugar mas eu não sei disso, não to sabendo”.

A esse respeito a pesquisa mostrou sobre agrotóxicos: cerca de 83% utiliza inseticida; 78,2% faz uso de fungicida e; 82,3% herbicida. Portanto, a grande maioria recebe instruções de técnicos das empresas que vendem tais produtos. Alguns dos entrevistados têm sua renda na produção de aves e são integrados, estes recebem orientação da respectiva empresa. E, além disso, dos agricultores cooperados, 10 afirmaram que o uso de insumos químicos aumentou nos últimos 20 anos, 2 disseram que diminuiu e 9 afirmaram que continuou a mesma coisa.

Quando questionados sobre assistência técnica, os dados mostram que dos 23 agricultores cooperados da Cresol, 22 deles recebem assistência técnica: 9 desses de empresa privada, 6 de cooperativas (alguns deles, além da Cresol, estão vinculados a ao sistema Claf, cooperativa de avicultores, Coasul e Sicred), 4 da secretaria municipal e 3 de outras instituições.

Esses são dados que mostram a lógica da Revolução Verde da década de 60-70, de certa forma, presente na agricultura familiar. O uso intensivo do solo e a preocupação incisiva com a eficiência/eficácia na produção, a exemplo dos países desenvolvidos, eram prerrogativas do pacote tecnológico da Revolução Verde. Lionço (2007) em estudo realizado em instituições que atuam no espaço rural do Sudoeste do Paraná já identificara a preocupação nas discussões de tais organizações com os problemas ambientais originários da Revolução Verde.

Para ilustrar essa realidade vejamos algumas questões do indicador ambiental sobre manejo e conservação do solo (Quadro 1).

<b>Manejo e Conservação</b>	<b>Nº de agricultores</b>	<b>Frequência(%)</b>
Curva de nível	11	47,826
Plantio no nível	1	4,348
Cultivo em áreas quebradas	1	4,348
Rotação de culturas	18	78,261
Prática de queimadas	0	0,000
Adubação verde	19	82,609
Adubação orgânica	20	86,957
Plantio Direto	17	73,913
Sistemas Agroflorestais e ou Agrossilvopastoril	6	26,087

Quadro 1 – Alguns índices do diagnóstico ambiental.

Fonte: Pesquisa realizada.

Estas são algumas das questões que compõem o indicador ambiental. O que se observa é que a maioria dos agricultores tem práticas de conservação. Isso pode ser ilustrativo do panorama geral do indicador ambiental que, mostrou estar em uma condição razoável. Contudo, essa pesquisa não encontrou influências da organização em tais cuidados com o meio ambiente. Ao que parece os agricultores montaram suas próprias estratégias. A exemplo disso, cita-se a prática da curva de nível. Quando os agricultores foram questionados se faziam curva de nível ou “murundu” alguns afirmavam a sua importância para evitar erosão no solo ou “as valas da chuva”, como afirmavam.

As coisas foram evoluindo né e a gente mesmo quando pegamo esse dinheiro, nós não tinha recurso pra fazer esse investimento. Desde que a gente pegou dinheiro financiado, a gente não se arrependeu até hoje e melhorou muito né. Nesse caso a Cresol é boa pra isso, o juro é barato, mas prático de se negociar e eu acho até melhor (entrevistado 6).

Eu fiquei sabendo por causa do vizinho que acho que era, não que é bom você tem facilidade pra financia essas coisas e tudo ai entrei ali (agricultor 4).

Olha eu acho que melhora nos últimos anos, mas acho que não seja, só a Cresol. Ela tem ajudado tudo isso né, mas, a nossa mão de obra aumentou de

um a gente se dobra em dez pra fazer o serviço, então a Cresol tem ajudado, em um financiamento ou alguma coisa assim né, mas, a gente também se desdobra em serviço pra consegui (Entrevistado 10).

Quando questionados sobre as melhorias que ocorreram após os agricultores vincularem-se a Cresol, vê-se a maioria das falas estão relacionadas às contribuições da organização para o benefício do financiamento. Entende-se a luta dos agricultores por acesso ao crédito e a própria sobrevivência da agricultura familiar e também que o produto da Cresol é o crédito. Contudo, se questiona se há ações efetivas da cooperativa para além do crédito, ações voltadas à sustentabilidade da agricultura familiar. Essas ações seriam através de cursos, orientações através do agente de crédito ou mesmo de outras formas. Nesse trabalho específico não foi identificado o vínculo das orientações ambientais tomadas pelos agricultores com as ações da organização.

A ênfase dada ao crédito - que é o produto da organização e não deixa de ter a sua fundamental importância no contexto da agricultura familiar, tendo em vista o modelo de desenvolvimento ao qual estão inseridos - é também resultado da própria compreensão da organização sobre a sustentabilidade, conforme afirmações:

A Cresol já trabalha sobre isso (sustentabilidade), mas teria que ter mais iniciativas do poder público, para subsistência do agricultor. As linhas de crédito estão de acordo com a sustentabilidade, pois, as taxas são baixas e a Cresol é diferenciada das outras instituições financeiras. A Cresol não é só a Cresol, trabalha sempre juntos, com sindicatos, cooperativas (Entrevistado 15).

E ele próprio consegui conduzi. (...) Se nós tirar a Cresol de Dois Vizinhos a agricultura familiar vai desmoronar, por quê? Porque ela precisa de um dinheiro pra pode planta, depois ela devolve, mas ela não tem na cultura das pessoas, “ah, vo guarda cincil mil reais pra faze a safra do ano que vem”, não tem isso, não adianta. Então assim, torna autosustentável, é chagar ao ponto que eles caminhem sozinhos, mas isso é um processo longo né? (entrevistado 14)

Sustentabilidade, assim, do ponto de vista da agricultura familiar é nós não dependermos tanto dos produtos e dos insumos que vem de fora, que não são produzidos dentro da propriedade. Hoje nós tomamos num ponto negativo, nós somos reféns do crédito. Se nós não conseguíssemos crédito, poucos agricultores conseguiam fazer suas lavouras (...) porque ainda nossa cultura é uma cultura que nós só soubemos trabalhar com grãos, grão e produtos, atividades que são integradas, frango, suíno e fumo. Então fica sempre refém disso aí, do crédito e de insumos (entrevistado 13).

Entendeu-se que a compreensão sobre a sustentabilidade da agricultura familiar, na maioria das falas dos entrevistados da organização, pauta-se na idéia do agricultor permanecer no campo, dele sustentar-se economicamente para permanecer ali. Por isso a importância dada ao crédito. Isso também foi identificado nos agricultores, conforme as falas apresentadas mais acima. Essa também é uma realidade que expressa a lógica do mercado no contexto da agricultura familiar, pois, conforme visto para sobreviver no campo é necessário acessar o crédito e o acesso ao crédito demanda do agricultor a máxima produtividade para que consiga quitar o valor do financiamento.



E nesse sentido, destacam-se duas questões que estão evidentemente implicadas na questão do crédito: a sobrevivência da família agricultora e a conseqüente dependência do crédito, sem o qual “não consegue sustentar-se”.

A esse respeito Kautzky (1986), no clássico debate sobre o campesinato na Rússia, ao falar sobre como a industrialização penetrou a agricultura refere-se em como a família camponesa auto-suficiente passou a comprar no mercado produtos para sua subsistência e passou a ser dependente dele, contudo, em evidente desvantagem quando comparado ao agricultor da grande propriedade. Com o desenvolvimento econômico das cidades abre-se caminho para a agricultura capitalista, deixando grande parte dos camponeses em situação de miséria. Nesse sentido que o autor fala dos resultados positivos das cooperativas de crédito, embora, tenha uma visão bastante pessimista a respeito de outras formas de cooperativas.

Conforme o autor as cooperativas de crédito além de ser um bom negócio ao “banqueiro” já que, este recebe o montante dos pequenos agricultores organizados, também dão condições de progresso econômico ao agricultor no sentido do capitalismo. Esse progresso exige dele – demanda vinda, imposta pelo sistema capitalista - a especialização da produção. “Quanto mais o estabelecimento agrícola se especializa, e quanto mais animais este possa utilizar, de uma ou de outra forma, tanto mais rapidamente se processa a comercialização.” (KAUTSKY, 1980, p 72).

(...) adubos permitem, em certas circunstâncias, que o agricultor dispense a cultura alternante e o esterco; que ele adapte suas culturas por completo às exigências do mercado, ou que dedique a área que a moderna agricultura encontra sua expressão técnica e econômica mais elevada (KAUTSKY, 1980. p.87).

Neste caso dos agricultores da Cresol é diferente. Observa-se que ele combina estratégias, como é o caso da utilização do adubo orgânico, embora esteja pressionado pelo capital para a maximização da produção. Segundo o autor o camponês não só passa a produzir para abastecer a indústria, a si mesmo, mas também vê a necessidade de comprar ferramentas para produção, fruto da especialização do trabalho. Por isso a necessidade do crédito, para se colocar e se manter no mercado. Sem ele não seria possível o agricultor se capitalizar, por isso, representa um progresso econômico no sentido do capitalismo, como afirmava o autor.

Nesse sentido, o que se observou a partir dos dados foi a concentração da renda agrícola é advinda da produção do binômio soja/milho e, na produção pecuária concentra-se no bovino de leite e nas aves. A concentração da produção de milho e soja é também um reflexo da mecanização da agricultura na década de 70, refletindo no uso abusivo de insumos químicos e o estímulo à produção de culturas de exportação, tal como a soja. Quanto à produção pecuarista destaca-se que todos os agricultores que tem aviário são integrados a Sadia. Essa é a razão da maioria deles ter afirmado receber orientações dos técnicos das lojas de insumos e das organizações aos quais são integrados.

Destaca-se a propriedade do dirigente da Cresol em Dois Vizinhos que, embora sua maior renda advenha do cultivo de milho e da produção de aves e do leite, tem investido na fruticultura como uma alternativa de renda a propriedade.

Então, entendendo-se que sob a perspectiva da cooperativa sobre a sustentabilidade, em parte os agricultores familiares atendem aos pressupostos de ter renda suficiente para manter-se no campo, muito embora não consiga autonomia da não dependência do crédito. Conforme dados da pesquisa 70% dos agricultores estão em uma boa situação econômica, alguns dados dos sub-indicadores estão explanados abaixo (Quadro 2):

Sub-indicadores	Precário	Razoável	Bom
Renda da família nos últimos 20 anos	2	4	16
Renda bruta mensal per capita	4	8	11
Tamanho da casa	7	10	6
Número de equipamentos	7	10	6
Veículos	1	1	21

Quadro 2 – Alguns índices do diagnóstico econômico dos cooperados da Cresol da Comunidade Fazenda Mazurana.

Fonte: Pesquisa realizada, 2011.

Esses são dados ilustrativos da boa condição econômica dos agricultores da Cresol. A média da renda mensal dos agricultores da Cresol é de 3.396,12 reais (Quadro 1 em apêndices), um pouco maior que a média geral da comunidade. A esse respeito observa-se, que alguns deles montam suas próprias estratégias de sobrevivência, como é o caso dos 30,5% que combinam renda não-agrícola com atividade agrícola ou pecuária.

Contudo, compreendendo a sustentabilidade da agricultura familiar como uma forma não linear de desenvolvimento, diferente de como propunha a modernização do campo, mas, com diversidade de alternativas para a diversidade social da agricultura familiar capaz de enfrentar os desafios ambientais e sociais. Então, questiona-se sustentabilidade para quem? Sustentar o que, quem? (ALMEIDA, 2007).

Ao que parece a maioria dos agricultores produzem sob o modelo convencional. Ao mesmo tempo, vê-se que não há um incentivo da Cresol a um modelo alternativo de desenvolvimento, conforme ela mesma afirma promover. Esse pode ser um resultado da lógica bancária permear a lógica de funcionamento da cooperativa. Algumas observações podem afirmar essa hipótese, como foi relatado em algumas falas sobre o distanciamento da Cresol com o agricultor.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos dados apresentados se observou como a lógica da modernização do campo está presente na realidade da comunidade, principalmente no modelo produtivo. Ficaram evidente os laços mantidos entre os agricultores da comunidade, resultado das relações afetivas que há em uma comunidade rural. Contrapondo de certa forma a “marca registrada da modernidade”, o individualismo, tal como propunha Bauman (2003).

A partir dos dados levantam-se algumas questões possíveis. Compreende-se que a possibilidade alternativa ou contra-hegemônica pode estar contida em uma organização ou modo de vida. Nesse sentido, evidencia-se a relação híbrida dessas formas de organização, economia solidária e a agricultura familiar, no contexto geral da sociedade. Assim, apontam-se lacunas ou tendências identificadas a partir dos dados, mas, entende-se que não há um fenômeno isolado e puro, portanto, haverá elementos do capital nas organizações de economia solidária e agricultura familiar e o contrário também acontecerá.

Assim, diante do exposto algumas questões foram despertadas para futuras investigações. A relação existente entre os agricultores na fundação da Cresol mostrou a relevância da solidariedade nem contexto de movimentação popular pelo um fim desejado. Nesse sentido, ficaram questões que se deseja aprofundar em trabalhos futuros, tais como: quais os sentidos da solidariedade dentro da economia solidária? Será esta solidariedade (*in solido*) uma estratégia de resistência à hegemonia? E será possível ela criar práticas econômicas emancipatórias dentro do contexto do capitalismo?

## REFERENCIAS

- ALMEIDA, Jalcione. Da ideologia do progresso à ideia de desenvolvimento (rural) sustentável. In: ALMEIDA, Jalcione e NAVARRO, Zander. Reconstruindo a agricultura: ideias e ideais na perspectiva do desenvolvimento rural sustentável. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 3a ed. 2009. p. 33-55.
- BARBIERI, Jose Carlos. Desenvolvimento e Meio Ambiente: as estratégias de mudanças da agenda 21. Rio de Janeiro: Editora Vozes Ltda., 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. Comunidade: a busca por segurança no mundo atua. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 2003.
- BÚRIGO, Fábio Luiz. Finanças e Solidariedade: uma análise do cooperativismo de crédito rural solidário no Brasil. Florianópolis, 2006. 375 folhas. Tese de doutorado - Universidade Federal de Santa Catarina.
- CHAYANOV, A. V. La organizacion de la unidad econômica campesina. Buenos Aires: Nueva Visión, 1974.
- CORONA, Hieda Maria. As Multidimensões da Reprodução Social da Agricultura Familiar na Região Metropolitana de Curitiba. Curitiba, 2005. 312 folhas. Tese de doutorado - UFPR.
- COVRE, Maria de Lourdes Manzini. A formação e a ideologia do administrador de empresa. Petrópolis: Vozes, 1982.
- LAMARCHE, Hugues (Coord). A Agricultura Familiar. Volume I. Campinas/SP: Ed. Unicamp, 1993.
- LEIS, Héctor. O Labirinto: ensaios sobre o ambientalismo e globalização. São Paulo: Gaia; Blumenau - SC: Fundação Universidade de Blumenau, 1996.
- LIONÇO, Vânia. A Abordagem Territorial no Desenvolvimento Rural Sustentável do Sudoeste do Paraná. Pelotas, 2007. 250 Folhas. Tese de Doutorado - Universidade Federal de Pelotas.
- GAIGER, Luíz Inácio. A economia solidária diante do modo de produção capitalista. Disponível em <<http://www.ecosol.com.br/publicacoes>>. Acesso em maio de 2003.
- \_\_\_\_\_. A outra racionalidade da economia solidária. Conclusões do primeiro Mapeamento Nacional no Brasil. Revista Crítica de Ciências Sociais, vol. 79, pp. 57-77, 2007.
- IPARDES. Cadernos Estatísticos. Cadernos Municipais IPARDES. Curitiba: IPARDES, 2010.
- KAUTSKY, Karl. A questão agrária. São Paulo: Nova Cultural, 1986.
- RAYNAUT, Claude. Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente. In: Meio Ambiente e Desenvolvimento: um novo campo do saber a partir da perspectiva interdisciplinar. Curitiba: Editora UFPR. Nº 10, pag. 21-32, 2004.
- RICHARDSON, Roberto Jarry e colaboradores. Pesquisa Social: método e técnicas. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- SACHS, I. Estratégias de transição para o século XXI: desenvolvimento e meio- ambiente. São Paulo: Nobel/Fundap, 1993.
- SANDRONI, Paulo. Dicionário de Economia. São Paulo: Atlas, 1994.
- SANTOS, Boaventura de Souza. Globalização: fatalidade ou utopia? Porto: Afrontamento, 2001.
- \_\_\_\_\_. [org.] Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- VEIGA, José Eli da. O prelúdio do desenvolvimento sustentável. In: CAVC, Economia Brasileira: perspectivas do desenvolvimento. Pág. 243-266. 2008.
- WILLIAMS, Raymond. Marxismo e literatura. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.